



ISSN 2595-5519

O EMPODERAMENTO FEMININO PELAS REDES SOCIAIS: UMA REALIDADE DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Gleice Rodrigues Cardoso¹

Marina Silveira Lopes²

RESUMO

O empoderamento feminino ao longo dos anos tem sido estruturado de diversas maneiras. Na modernidade líquida, com a tecnologia e a globalização, o movimento tem ganhado repercussão no mundo virtual. Baseando-se nisso, por uma revisão de literatura, pretende-se descrever o empoderamento feminino nas redes sociais no Brasil. Traçar a historicidade desse fenômeno ancorado em diversas manifestações contra a repressão vivida em cada época. Tais manifestações tornam-se importantes uma vez que há a necessidade da reivindicação e manutenção dos direitos femininos. O estudo revela que o empoderamento feminino tem-se apresentado de diferentes formas ao longo da história, dependendo da sociedade nas quais estão inseridas e dos recursos tecnológicos disponíveis para tais manifestações. Em sua especificidade, na sociedade líquida, as diversas formas, mutáveis e heterogêneas trazem ao movimento feminista características peculiares, como a globalização das informações e o seu fácil acesso. Condição representada pelas publicações nas redes sociais, propagando a liberdade de expressão e a conscientização da opressão contra às mulheres. O conteúdo propagado nas redes sociais está vinculado aos relacionamentos abusivos, ao abuso sexual, assédio sexual e a informações sobre parto e pós-parto. Os movimentos na web se multiplicam como o *Chega de Fiu Fiu*, *#NaoTiraOBatomVermelho* e *#SeEuDisserNaoEEstupro*, promovendo o empoderamento feminino.

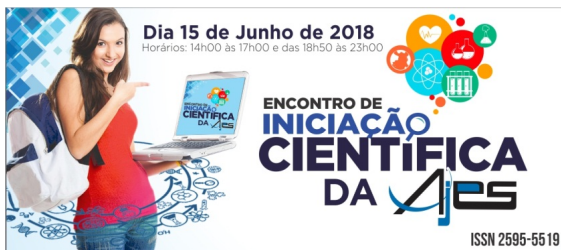
Palavras-chave: Empoderamento Feminino; Redes Sociais; Internet; Feminismo.

RESUMEN

El empoderamiento femenino a lo largo de los años ha sido estructurado de diversas maneras. En la modernidad líquida, con la tecnología y la globalización, el movimiento ha ganado

¹ CARDOSO, Gleice Cardoso. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia e Voluntária no Programa de Iniciação Científica, AJES – Faculdade do Vale do Juruena. E-mail: rcgleice@gmail.com

² LOPES, Marina Silveira. Mestra em Ciências da Religião – PUCSP; Especialista em História do Brasil – IHGSP; Coordenadora do Programa de Iniciação Científica e Professora da Área de Ciências Humanas da AJES - Faculdade do Vale do Juruena. Email: marinaslopes@ajes.edu.br



ISSN 2595-5519

repercusión en el mundo virtual. Basándose en ello, por una revisión de literatura, se pretende describir el empoderamiento femenino en las redes sociales en Brasil. Trazar la historicidad de ese fenómeno anclado en diversas manifestaciones contra la represión vivida en cada época. Tales manifestaciones se vuelven importante una vez que hay la necesidad de la reivindicación y el mantenimiento de los derechos femeninos. El estudio revela que el empoderamiento femenino se ha presentado de diferentes formas a lo largo de la historia, dependiendo de la sociedad en las que están insertadas y de los recursos tecnológicos disponibles para tales manifestaciones. En su especificidad, en la sociedad neta, las diversas formas, mutables y heterogéneas traen al movimiento feminista características peculiares, como la globalización de las informaciones y su fácil acceso. Condición representada por las publicaciones en las redes sociales, propagando la libertad de expresión y la concientización de la opresión contra las mujeres. El contenido propagado en las redes sociales está vinculado a las relaciones abusivas, el abuso sexual, el acoso sexual y la información sobre el parto y el posparto. Los movimientos en la web se multiplican como el Che de Fiu Fiu, #NoTiraOBatomVermelo y #SeEuDisserNaoEEstupro, promoviendo el empoderamiento femenino.

Palabras clave: Empoderamiento Femenino; Redes sociales; Internet; El feminismo.

INTRODUÇÃO

A modernidade líquida trouxe as mais variadas manifestações nas sociedades interconectadas. Os movimentos feministas, dentro desse espectro, com suas múltiplas definições e intensidades tornaram-se fontes de discussões em todos os âmbitos sociais, entre esses espaços encontra-se a internet. Com maior ou menor impacto no papel social feminino, eles viabilizaram o empoderamento da mulher, permitindo que elas ocupassem todos os lugares que quisessem ocupar, desprendendo-se do âmbito privado e alcançando o âmbito público. Vale ressaltar, que apesar de ser um fenômeno que pode ser absorvido em função da globalização recente, existem ainda, sociedades, nas quais a maioria das mulheres está muito aquém desse empoderamento, como o Iémen, o Paquistão e a Síria³.

³ Os países citados ocupam as últimas posições na lista publicada pelo *World Economic Forum*. O relatório de *Global Gender Gap Groud*, traz uma listagem com índices de equidade e desigualdade de gênero, contendo 180 países em sua última publicação. Disponível em: < <http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2017/results-and-analysis/> >. Acesso em: 30 nov. 2018.



ISSN 2595-5519

As redes sociais ajudam de maneira significativa essa nova experiência feminina, nas quais as mulheres podem colocar suas ideias, seus pensamentos e suas angústias. Reivindicando liberdade, respeito, direito de ser mãe e de não ser, de trabalho, de usar roupas que quiserem etc.. Clamam por uma liberdade na essência do 4º art. da Declaração dos Direitos dos Homens (1789)⁴, essa universalidade do homem, garantida nesse artigo excluiu a mulher, vale ressaltar que nessa metonímia inclui-se a raça humana, em todas as formas de sua evolução, incluindo homem e mulher. Entretanto, infelizmente é preciso enfatizar dia a dia que as mulheres também estão nesse artigo, como tem acontecido nas publicações das redes sociais, nos últimos tempos, sobre o feminino, seu empoderamento e seus movimentos.

Em função desse quadro social líquido, pretende-se aqui, mostrar como as redes sociais promovem esse empoderamento feminino e suas consequências. Para tal, utilizou-se uma revisão narrativa através de artigos e livros que versam sobre o tema. Como palavras-chaves de busca utilizou-se o *empoderamento feminino*, *internet e as redes sociais*, pesquisadas nas bases de dados da *SciELO* e do *Google Acadêmico*, sem a utilização de filtros de pesquisa. Ainda para compreender melhor o fenômeno pesquisado, houve a busca de artigos complementares para preencher os questionamentos surgidos, um requisito necessário para atingir o objetivo do presente artigo.

Todavia para a compreensão de um tema tão controverso tem que buscar informações na historicidade dos fatos. Iniciado na Antiguidade consagrando-se até o final dos anos 90, relevando o empenho do movimento feminista em alcançar sua liberdade de expressão e libertação da opressão machista. Na modernidade líquida, o feminismo apropriou-se da tecnologia para divulgar a suas reivindicações e conseqüentemente, aderir mais adeptos ao movimento e conscientizando-os. Diante desse contexto, o presente artigo visa apresentar as diversas maneiras que o empoderamento feminino se dá nas redes sociais, ilustrando com artigos.

⁴ Disponível:< <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao> >. Acesso em: 30 out. 2018.



ISSN 2595-5519

1. EMPODERAMENTO FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA

O empoderamento, embora ainda em discussão, remete-se a uma transformação coletiva. A sociedade está pautada em relações de poder, essas relações estão estabelecidas entre dominador e dominado, característica que ilustra a desigualdade social. Partindo disso, o empoderamento trata-se da redistribuição desse poder de maneira a favorecer os dominados (SALDANHA MARINHO & GONCALVES, 2016). O empoderamento das mulheres ao longo da história ocorreu de diversos modos e ainda acontece na sociedade líquida, entretanto, nos principais livros didáticos esse processo não é retratado, condição que pode caracterizar a marginalização e a exclusão da mulher (RAMBALDI & PROBST, 2017; GINITY, 2015).

O empoderamento feminino difere do feminismo. A primeira nomenclatura remete-se a ação para redistribuição coletiva do poder; já a segunda, um movimento político, ideológico e teórico que visa a equidade e igualdade de gênero. Apesar dessa diferença, ambas estão voltadas a emancipação feminina do sistema patriarcado, no qual representa um sistema subordinação da mulher em favor do homem. Nisso, o presente trabalho não visa uma desmitificação aprofundada dos dois conceitos, apenas uma apresentação do tema para aguçar a conscientização e o futuro debate do tema (MENDES, VAZ & CARVALHO, 2015; SARDENBERG, s/d). Ainda as teorias feministas tem em comum em sua pauta principal a discussão do papel social da mulher, fugindo dos discursos “biologistas”. Partindo disso, os temas mais recorrentes em suas discussões são: a justiça, a equidade de direitos e a desigualdade de gênero (CYFER, 2010).

O matriarcado, usado para designar governo das mães, era o sistema social dominante do período neolítico⁵. Marcado, principalmente, pela agricultura, juntamente com a reverência às deusas. O desconhecimento do processo de concepção da vida, tornava-o um ato venerado, tornando a maternidade sagrada, conseqüentemente, as mulheres também adquiriam esse

⁵ O período neolítico ou o período da pedra polida, um momento histórico datado a.c. e caracterizado pelo surgimento da agricultura e pelo sedentarismo. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/download/23712/13047>>. Acesso em: 19 out. 2018.



ISSN 2595-5519

atributo. Esse período histórico ainda traz diversas discussões teóricas, devido a dificuldades de encontrar evidências históricas sobre sua existência, por sua vez, é considerado o mito do matriarcado (OLIVEIRA, 2005; SILVA & LONDERO, 2016).

Seu declínio deu-se, principalmente, pela necessidade do uso da força física para a caça, colocando o homem em posição de mantenedor. Com o decorrer do tempo, a formação da família, do Estado e da Igreja, a mulher foi perdendo sua valorização social e se restringindo apenas aos cuidados domésticos e a procriação, fadada **naturalmente** ao âmbito privado; já o homem, expandiu-se para a política, a economia e a até como o detentor e o produtor e reproduzidor do conhecimento, **destinado naturalmente** ao âmbito público. Acentuando a divisão de gênero⁶ no trabalho, característica importante do patriarcado, definido pelo domínio masculino sobre as diversas camadas sociais e seus aspectos, como família, política e até economia (BALTHAZAR, 2017; SILVA & LONDERO, 2016; SOUZA & GUEDES, 2016).

No Antigo Egito, o papel das mulheres assemelha-se à mitologia da deusa Isis⁷. Essa sociedade apesar de patriarcal estava pautada em um sistema matrilinear, isto é, a linhagem materna seria responsável pela transmissão de valores sociais. Retomando a mitologia, na hierarquia de poder, a rainha tinha os mesmos privilégios sociais em comparação ao faraó, inclusive mantinham uma relação complementar no poder administrativo da cidadela. Essa realidade não se restringia apenas a família real, mas alcançava todo sistema social no Egito. (BALTHAZAR, 2017). Já na Grécia Clássica, as mulheres atenienses encontravam-se livres e tinham uma participação cívica limitada. Durante as assembleias, os relatos apenas mencionam os homens nas discussões e elaboração de decretos, as mulheres eram

⁶ Gênero pode ser compreendido como um conjunto de características que diferenciam homens e mulheres. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁷ Mitologia da deusa Isis remete-se a fertilidade e a maternidade. Há diversas versões desse mito, um deles acrescenta que Ísis era considerada a Deusa Mãe (divindade feminina) e Osíris, solo fértil (divindade masculina). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93450/fantacussi_va_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2018.



ISSN 2595-5519

representadas pelos seus tutores. Além disso, nessa sociedade a linhagem materna determinava a posição no poder (CUCHET, 2015).

Na Idade Média ou das Trevas devido à obscuridade da repressão teocêntrica, as mulheres tornaram-se, ainda, mais reprimidas. Ao ponto de que aquelas que rompessem com essas amarras, seriam proclamadas de bruxas. A caça às bruxas foi a perseguição que essas mulheres sofreram, muitas vezes eram apenas curandeiras. A Igreja Católica, tinha um poder atrelado ao do Estado, com os seus princípios ditava os valores morais e sociais nesse período (CHAGAS & CHAGAS, 2017). Já na Idade Moderna, com a Revolução Industrial, a mulher assumiu sua função no mercado de trabalho. Inicialmente, elas fizeram parte desse universo por serem mão de obra barata e desqualificada. A burguesia interpretou essa inserção como uma inferioridade das classes sociais mais baixas e, não como uma conquista de novos papéis e da emancipação feminina (COSTA, 2005; MIGUEL, 2017).

Na contemporaneidade, as mulheres participaram da Revolução Francesa. Agarradas aos portões do Palácio de Versalhes, elas reivindicaram sobre as condições de sobrevivência diante da escassez de alimentos. Outra situação que demonstra a participação feminina na revolução, foi o manifesto representado por Pauline Léon, no qual reivindicou a participação na Guarda Nacional, diante de uma assembleia pública e sua petição foi indeferida (SCHMIDT, 2012). Apesar da participação feminina ter sido ativa durante a Revolução Francesa, elas não possuíam direitos, como foi estabelecido na Declaração dos Direitos Humanos e Cidadão. Diante dessa realidade, a ativista e dramaturga Marie Gouze, que se utilizava do pseudônimo Olympe de Gouges (1748-1793), como maneira de manifestar a sua indignação, publicou a Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã⁸, em 1791 (MORIN, 2009). A sua influência no movimento feminista ultrapassou a sua época e assumiu relevância na atualidade.

⁸ Nessa declaração, Gouges apresenta que a mulher tem o mesmo direito do homem e denuncia a negligência aos direitos da mulher. Ainda, como na Declaração dos Direitos Humanos e Cidadão, lista artigos sobre os direitos básicos da mulher, considerando-a uma cidadã e com plena liberdade. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antigos-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>>. Acesso em: 26 out. 2018.



ISSN 2595-5519

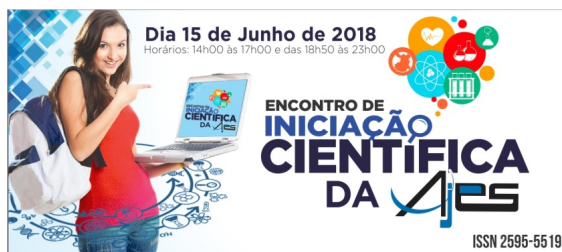
Podemos observar que durante os períodos históricos de uma forma ou de outra houve uma resistência feminina diante à dominação masculina. Entretanto, no século XIX, ocorreu oficialmente o surgimento do movimento social denominado de feminismo, sua constituição foi demarcada em três ondas, cada uma dessas ondas englobam um direito reivindicação e um processo progressivo de libertação que ocorre até a atualidade. A primeira reivindicação foi o voto, o Reino Unido⁹ foi o primeiro a aderir essa reivindicação (PINTO, 2010). Agora, com a liquidez dessa modernidade elas tornaram-se múltiplas, globalizantes e interconectadas. E, o empoderamento espalhou-se por todos os segmentos sociais.

1.1. MODERNIDADE LÍQUIDA: EMPODERAMENTO FEMININO EM TODAS SUAS FORMAS

A modernidade líquida, contrapondo-se a sociedade sólida, está pautada na fluidez, na rápida transformação, dificultando a adaptação do sujeito e ainda na dissolução das relações sociais, favorecendo o individualismo. Ainda acrescenta a sobreposição do tempo e do espaço, condições transformadas pela tecnologia (BAUMAN, 2001). Assim, temos que o ““derretimento” dos parâmetros sociais modernos é obra das mesmas forças de desconstrução dos paradigmas das sociedades tradicionais anteriores às sociedades modernas” (RODRIGUES, 2018, p.1). Contudo sem uma reconfiguração dos parâmetros sólidos, onde existia um endurecimento nas relações entre os sujeitos e as instituições. (RODRIGUES, 2018).

Diante desse cenário, o movimento feminista está ancorado nessa sociedade de rápidas transformações, por sua vez, um movimento social, o feminismo é afetado pelas novas imposições e discussões sociais sobre o papel social da mulher. Sabendo isso, na modernidade líquida ele adquire características peculiares, tais elas: as diversas vertentes do feminismo, revela as múltiplas facetas da opressão sofrida pela mulher na sociedade e é um movimento

⁹ Reino Unido é formado pela Escócia, Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte. Disponível em:< <https://www.infoescola.com/europa/reino-unido/>>. Acesso em: 15 out. 2018.



ISSN 2595-5519

mundial, demonstra a capacidade de romper com os limites de tempo e espaço (MENDES, R. S. VAZ, B. J. de O. CARVALHO, 2015).

O feminismo é um movimento complexo e tem sido estudado, elaborando diversas teorias sobre seus ideais. Definir suas inúmeras vertentes pode ser uma tarefa complicada, levando em consideração, a sua ampla diversidade e contextos. Apesar disso, será mencionado algumas delas, consideradas clássicas e que, com uma definição mais clara na literatura: o feminismo erótico, voltado a manifestação da sexualidade feminina como recurso de manifestação; o feminismo individualista, pautado no desenvolvimento da autonomia individual; o feminismo lésbico, voltado a manifestação da liberdade da escolha da orientação sexual e o feminismo marxista, relacionando a dominação masculina com o sistema capitalista (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA, 2010).

A tecnologia é um dos pilares da modernidade líquida. A tecnologia vem se apropriando de diversas dimensões da sociedade, tanto nos aspectos sociais, quanto nos profissionais. A tecnologia proporciona a comunicação de massa e a massificação das coisas. Com a internet, o empoderamento feminino incorpora novas práticas de manifestações. Ela tem um potencial de propagar informações, pode ser considerada a maior fonte de conhecimento dos tempos líquidos (GARBIN, GUILAM & PEREIRA NETO, 2012). Diante dessa dimensão, o empoderamento feminino também se apropria desse recurso para suas reivindicações, rompendo a barreira do tempo e do espaço, isto é, interconectando diversas mulheres ao redor do planeta.

O movimento feminista tem avançado nas redes sociais. Atualmente, as redes sociais são um importante meio para a expressão, um recurso para o debate social e considerado um espaço até para a transformação social (LIMA et. al., 2017). Partindo disso, os movimentos feministas se apropriam desse espaço para divulgação de suas reivindicações, percebem-se diversas manifestações contra a violência doméstica, o assédio moral no trabalho, a popularização da mulher na política, a propagação dos direitos sexuais e reprodutivos e ainda orientação sexual da mulher.



ISSN 2595-5519

2 METODOLOGIA

Para atender aos objetivos da pesquisa, foi utilizada uma revisão narrativa. Nesse estilo de pesquisa, a revisão de literatura não obedece a uma pesquisa sistemática, não emprega uma metodologia muito rigorosa, usada com frequência para desenvolver e descrever o fenômeno investigado. Devido ao baixo nível de sistematização, não é um estudo passível de ser reproduzido (ROTHER, 2007). Sabendo disso, esse tipo de estudo foi utilizado para atender o principal objetivo, que é a descrição do empoderamento feminino pelas redes sociais.

Os artigos analisados foram pesquisados sem a utilização de nenhum filtro nas bases de dados. O *Google Acadêmico* e o *Scielo (Scientific Electronic Library Online)* são as plataformas digitais, com diversos artigos indexados de variadas fontes de publicação. Essas plataformas foram usadas para selecionar os artigos para a realização dessa revisão, com a utilização das seguintes palavras-chave: empoderamento feminino, internet, redes sociais e feminismo. Os artigos encontrados não tiveram uma seleção criteriosa, apenas precisavam descrever o fenômeno analisado. Os estudos investigados são voltados as redes sociais, tais elas: YouTube, Facebook e o Instagram. Ainda para preencher as lacunas da pesquisa, foram pesquisados outros materiais complementares, assim como se observa nas referências.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Uma pesquisa divulgada por Lima e colaboradores (2017) teve como finalidade relatar a experiência da *youtuber*¹⁰ Jout Jout. Ainda revela a repercussão do empoderamento feminino nas redes sociais. A referida *youtuber* chama-se Júlia Tolezano, é carioca e

¹⁰ *Youtuber* é o termo para designar um(a) influenciador(a) digital que tem um canal de vídeos na rede social *YouTube*. Já *Youtube* é um dos serviços *online* ofertados pelo *Google*, nessa rede social, há o compartilhamento de vídeos entre os seus usuários. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0123-1.pdf> >. Acesso: 20 out. 2018.



ISSN 2595-5519

jornalista, expressou em um vídeo, com cerca de 3.448.200 visualizações (até a data de 16 outubro de 2018), as características de um relacionamento abusivo e a aceitação social dessa condição, no qual propaga a violência, independente do gênero. Nesse vídeo, Jout Jout traz como exemplo o pedido machista de muitos companheiros às mulheres para retirarem o batom vermelho, com a justificativa é “coisa de puta”. Após a publicação do vídeo, em outras redes sociais, as usuárias aderiram ao uso da *hashtag*¹¹ #NaoTiraOBatomVermelho, em menção ao vídeo divulgado.

Chega de Fiu Fiu é outro exemplo da propagação do feminismo nas redes sociais. Com o objetivo de investigar a transformação social acarretada pelo empoderamento feminino, Bezerra e Medeiros (2016) analisaram o movimento *Chega de Fiu Fiu*, uma campanha contra o assédio enfrentado pelas mulheres em vias públicas. Essa campanha nasceu após uma pesquisa entre as visitantes da página *Think Olga*, um site com o objetivo de empoderar as mulheres por meio da informação. A pesquisa mencionada revela que 98% das participantes já sofreram algum tipo de assédio sexual e 81% das mulheres já deixaram de realizar alguma atividade com medo do assédio. Partindo disso, percebe-se como a internet e o movimento feminista proporcionam uma liberdade de expressão e visibilidade as mulheres.

Outro movimento pesquisado foi a *hashtag* #SeEuDisserNaoEEstupro. A *Revista Marie Clarie*, destinada às mulheres, em uma de suas edições dedicou-se ao movimento contra violência sexual.

Na capa dessa edição, uma atriz brasileira seminua simboliza a condição feminina na atualidade, independente da orientação sexual, quantidade de parceiros, se ingere bebidas alcoólicas ou usa drogas, assim como a sua vestimenta e o local que se encontra, não “merece

¹¹ *Hashtag* são palavras-chave usadas em redes sociais, após o uso do símbolo “#”. Esse símbolo (inglês, hash), é utilizado com outras palavras, constituindo uma *tag* (etiqueta). Inicialmente, foi utilizado no *Twitter* e expandido para outras redes sociais. Disponível em: <<http://analisedodiscursos.ufpr.br/anaisdosedad/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.



ISSN 2595-5519

ser estuprada”, contradizendo posicionamentos machistas, tanto do homem, quanto mulher que alimentam a cultura do estupro¹². Ver figura 1.

Figura 1 – Imagens ilustrativas dos estudos



Fonte: google.com

Após sua publicação, no *Instagram*¹³ as mulheres, artistas e anônimas, se mobilizaram com fotos nuas e o *hashtag* da campanha. Assis, Brandão e Serenini (2016), partindo desse estudo, considera que na modernidade líquida a mídia exerce influência na população, até mesmo, assume o papel educativo, vinculada à essa ideologia, o empoderamento feminino alcança um público maior e dissemina a equidade de gênero, como revela esta campanha, muitos estudiosos se dedicam a estudar esse fenômeno, como aqueles que se destacam: Adorno, Hokheimer e Bauman.

¹² A Cultura do Estupro é um conjunto de ações coletivas que toleram/suportam a violência contra a mulher, principalmente, o estupro. Basicamente, está permeada por ensinamentos que incentivam os homens ao estupro ou atos similares, já as mulheres a se protegerem dessa violência. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v13n3/1808-2432-rdgv-13-03-0981.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

¹³ *Instagram* uma rede social que visa compartilhar fotos e vídeos, ainda nessa plataforma à integração de outras redes sociais, como o Facebook. Criado por Mike Krieger e Kevin Systrom, em 2010. Disponível em: <http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/11195/1/claudia_pereira_MMD_2017.pdf>. Acesso em: 25 aut. 2018.



ISSN 2595-5519

Sales (2017), considera as manifestações feminista de uma dona de casa nas redes sociais. A partir da análise dos estereótipos¹⁴ postulados no século XIX, a autora investiga as postagens de uma dona de casa no *Instagram*. Ainda em sua investigação, confronta o papel social da mulher do século passado com o papel social, ainda em construção, do atual século. Nessa análise, discute que ainda na modernidade líquida depara-se com pensamentos conversadores sobre a posição da mulher, como ilustra bela, recatada e do lar.

No *Instagram*, deparou-se com uma dona do lar que posta seus dilemas e desafios em poder fazer suas escolhas livremente, ou mesmo tempo que enfrenta os estereótipos. Com essa manifestação, nos comentários de suas postagens percebe-se inúmeras mulheres que enfrentam os mesmos desafios. Partindo disso, a autora considera que há uma rede de apoio por meio das redes sociais entre essas mulheres para superação do machismo que ainda oprime na sociedade líquida.

Em outra análise, Rossa (2017) verifica as publicações da página do Facebook *Todas Fridas*. Após investigar suas publicações, averigua as três postagens mais comentadas no período da pesquisa (19 a 23 de dez. de 2016), o conteúdo dessas postagens estão voltadas ao assédio do ator Van Diesel a uma *Youtuber* brasileira durante uma entrevista para o seu canal de cinema e mais duas postagens polêmicas no Facebook. Essas postagens contem os seguintes conteúdos: o que é pior estria ou celulite? Padrão Social e a outra - mulher não pode ser direta. Tais discursos enraizados na cultura machista releva um estereótipo do comportamento da mulher, com o avanço da tecnologia e a disseminação das redes sociais permitiram a discussão dessas crenças e a sua desconstrução, por fim, garantindo maior liberdade de escolha feminina.

Frohlich e Silva (2017), apresenta outro movimento feminino nas redes sociais. O *Vamos Juntas*, uma página do Facebook, voltado ao empoderamento feminino por meio da

¹⁴ Os estereótipos de gênero são crenças populares a respeito do papel social adequado da mulher e do homem, como no exemplo, a mulher “tem dever de cuidar de casa e dos filhos” e o homem “mantenedor”. Traz diversas consequências na vida social do sujeito, como exclusão e até marginalização dos direitos básicos. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a10.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.



ISSN 2595-5519

sororidade¹⁵. Essa condição revela uma necessidade de apoio e união entre o gênero feminino, diante da rivalidade e competição incentivada pela opressão machista. Partindo disso, o *Vamos Juntas* visa desconstruir essa rivalidade e incorpora-se nessa ideia de união, uma reivindicação contra o assédio sexual nas vias públicas, como nas ruas, nos trens, nos ônibus e entre outros. A proposta é um mapeamento on line dos locais que tem maior ocorrência de assédio contra as mulheres, organizar grupos para percorrerem um trecho do caminho e compartilharem o apoio em situações de perigo. Essa proposta demonstra a conscientização do seu papel subalterno da mulher ainda enraizado na atualidade.

Já Oliveira e Pinto (2016), discutem a importância do ciberfeminismo¹⁶ na propagação de informações às grávidas. A informação favorece a autonomia da mulher diante do pré-parto, parto e pós-parto. Levando em consideração a violência obstétrica ainda presente na realidade brasileira, apesar de diversas proibições legais e do avanço dos Direitos Reprodutivos e Sexuais. Com isso, uma maneira de combater essa violência é a propagação da informação, proporcionando uma melhor saúde para a mulher e a criança. Diante desse contexto, diversos manifestos nas redes sociais visam essa condição, como as citadas Amigas do Parto, Rede de humanização do Parto e do Nascimento e o Despertar do Parto.

Paiva (1997), ao analisar a teoria feminista, argumenta que deve reformular o conhecimento e a estrutura social. Uma maneira de alterar a estrutura social para combater a dominação masculina está fundada no empoderamento feminino, trata-se de reestabelecer o papel da mulher nessa sociedade. Partindo disso, o movimento feminista nas redes sociais tem esse fundamento, como demonstrada nos estudos citados, dar poder de decisão as mulheres para superar a dominação masculina e conquistar uma sociedade mais igualitária.

¹⁵ Sororidade pode ser caracterizada como irmandade entre mulheres, como oposição a rivalidade feminina imposta pelo sistema machista. A união das mulheres contra a desigualdade social. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/3vj9m/pdf/silva-9788579830327-04.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

¹⁶ Ciberfeminismo, surgiu com o advento das plataformas online e a manifestação feminista nessas plataformas. O seu conceito vai além dessas manifestações online, pode ser considerado como “uma contestação a nível artístico, filosófico e político das estruturas envolvendo gênero e tecnologia”. As principais teóricas do movimento não deram uma definição clara do assunto, apenas listaram 100 características que não correspondem ao Ciberfeminismo, em um encontro internacional. (AZZELLINI & MARTINO, 2017, 2 p.). Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2689-1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.



ISSN 2595-5519

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a historicidade do empoderamento feminino, percebe-se que ganhou diversas formas de acordo com o contexto socio-histórico. Na modernidade líquida essa situação não é diferente, com o avanço da tecnologia, o movimento apropria-se de outros meios de divulgar a sua ideologia, as redes sociais. Nas redes sociais, o empoderamento feminino tem alcançado um amplo público, conscientizando-o sobre a condição feminina na sociedade líquida demonstrado nos estudos apresentados, como no caso da *Youtuber Jout Jout* com 3.448.200 visualizações.

Ademais, o estudo sobre o empoderamento feminino pelas redes sociais releva a evolução do movimento feminista. O feminismo teve o seu início no final do século XX com a manifestação das sufragistas e se desdobrou no século XXI com a mídia, em especial, as redes sociais. Trazer a historicidade do feminismo e como as mulheres tem se empoderado possibilitou compreender a luta e a conquista de diversos direitos que se desfruta atualmente, como o direito ao voto, a educação e ao matrimônio, como visa o objetivo dessa pesquisa. Com as redes sociais, a minoria na sociedade pode ser representada pelas diversas vozes e ainda começa um debate maior sobre tema, como no estudo apresentado da Revista Marie Claire, descrito nos resultados.

Outra condição observada nos artigos analisados e que merece atenção, são as áreas que os estudos foram realizados, em sua maioria, na área da comunicação. Dessa maneira, percebe-se a limitação nos estudos sobre o feminismo, pois as demais áreas do conhecimento têm muito a contribuir com a discussão, aspecto que deverá ser observado nos próximos estudos. Por fim, assim como considera Sarmiento (2017) e também é ressaltado nessa pesquisa, o empoderamento feminino pelas redes sociais carece de estudos sobre sua manifestação. Portanto, o presente estudo corrobora com a manifestação feminista em seu aporte científico, com seus indícios do manifesto feministas nas redes sociais.



ISSN 2595-5519

REFERÊNCIAS

ASSIS, L. S. BRANDÃO S. B. SERENINI, L. F. P. **A mídia como espaço para debate acerca da liberdade feminina – Estudo de caso da campanha #seeudissernaoeestupro da revista Marie Claire.** XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo – SP, 2016.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA. **Dicionário de Psicologia da APA.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

BALTHAZAR, Gregory da Silva. O feminismo radical ou a utopia da igualdade de gênero no antigo egito? **Revista Feminismos**, Vol.5, N.2 e 3, Maio - Dez. 2017. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/view/217>>. Acesso em: 29 out. 2018.

BAMBERGER, J. The Myth of Matriarchy: Why Men Rule in Primitive Society. In: ROSALDO, M.LAMPHERE, L. Women, Culture, and Society. **California: Stanford University Press**, 1974, p. 263–280. Disponível em: <http://radicalanthropologygroup.org/sites/default/files/pdf/class_text_052.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

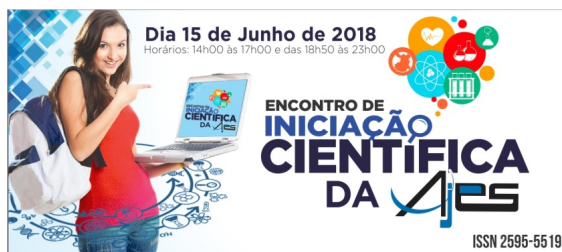
BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 192 p. Disponível em: <<http://www.cpv.org.br/wp-content/uploads/2017/09/BAUMAN-Modernidade-L%C3%ADquida-2001.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BEZERRA, M. L. de M.. MEDEIROS, K. B. de. **“Chega de Fiu Fiu”:** uma campanha na Internet contra o assédio sexual em espaços públicos. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Pernambuco, 2016.

CHAGAS, L. CHAGAS, A. T. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil.** *Psicologia.pt*, 2017. Disponível: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1095.pdf>>. Acesso 29 out. 2018.

COSTA, C. **Sociologia:** introdução à ciência da sociedade. 3. Ed. São Paulo: Moderno, 2005, 415 p.

CUCHET, V. S.. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero? **Tempo [online]**. 2015, vol.21, n.38, pp.281-300. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042015000200281&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 ago. 2018.



ISSN 2595-5519

CYFER, I. Liberalismo e feminismo: igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 135-146, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2018.

FROHLICH, L. SILVA, D. R. P. da **Apropriações e desdobramentos do conteúdo da página do movimento Vamos Juntas? Por mulheres brasileiras.** XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Caxias do Sul – RS, 2017.

GARBIN, H. B. da R.; GUILAM, M. C. R.; PEREIRA NETO, A. F. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 347-363, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312012000100019&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 03 out. 2018.

GINITY, E. G. M. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/download/63309/36954>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

LIMA, E. L. N. et. al. “Não tira o batom vermelho”: o feminismo na produção de conteúdo na rede. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Fortaleza – CE, 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-2124-1.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

MENDES, R. S. VAZ, B. J. de O. CARVALHO, A. F. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Gênero & Direitos**, n 3, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/viewFile/25106/14464>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1219-1237, Dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301219&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2018.

MORIN, T. M. **Práticas e representações das mulheres na Revolução Francesa - 1789-1795.** Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01022010-165929/pt-br.php>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

OLIVEIRA, R. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. **Revista Artemis**, v. 5, dez. 2005. Disponível em: <



ISSN 2595-5519

<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2200> >. Acesso em: 29 out. 2018.

OLIVEIRA, R. S. de; PINTO, G. R. Mães de suas decisões: o papel do ciberfeminismo no empoderamento da mulher e na reivindicação de direitos relativos ao parto a partir do acesso à informação. **RVMD**, Brasília, V. 10, n° 2, p. 378-405, jul-dez., 2016. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rvmd/article/view/7660> >. Acesso em: 29 out. 2018.

PAIVA, M. S. Teoria Feminista: O desafio de tornar-se um paradigma. **R. Bras. Enferm.** Brasflia, v. 50, n. 4, p. 51 7-524, out./dez., 1 997. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v50n4/v50n4a07.pdf> >. Acesso em: 03 dez. 2018.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n.36, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624>>. Acesso em: 29 out. 2018.

RAMBALDI, A. K. PROBST, M. As mulheres representadas nos livros didáticos: história do Brasil. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, V.5, N.3, p.123 – 134, Jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/2743>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

RODRIGUES, L. O. de. **Modernidade Líquida**. 2018. <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>. Acesso em: 01 out. 2018.

ROSSA, L. F. **Todas Fridas: o ciberativismo feminista em comunidades virtuais**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Caxias do Sul – RS, 2017. Disponível: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0411-4.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

ROTHER, E. T. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paul. Enf.**, vol. 20 (2), 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf> >. Acesso em: 19 out. 2018.

SALDANHA MARINHO, P. A.; GONCALVES, H. S. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. **Rev. Estud. Soc.**, Bogotá, n. 56, p. 80-90, Jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2016000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2018.

SALES, L. de O. **Bela, recatada e do lar? A construção da imagem da dona de casa na era do Instagram a partir de um estudo de caso do perfil @respiramulher**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Pernambuco, 2016. Disponível: <



ISSN 2595-5519

<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1870-1.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

SARDENBERG, C. M. B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista.**

Universidade Federal da Bahia, s/d. Disponível:<

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2018.

SARMENTO, Rayza. **Das sufragistas às ativistas 2.0: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016).** Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 220 p.2017. Disponível: <

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AQKHD4>>. Acesso: 29 out. 2018.

SCHMIDT, J. de F. As Mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema**, 09 (02), 2012, 1-19 p. Disponível em:<

<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/147/67>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SILVA V. da LONDERO J. C. **Do matriarcalismo ao patriarcalismo: formas de controle e opressão das mulheres.** XII Conages XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, 2016. Disponível em:<

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID48_21042016135430.pdf>. Acesso em 29 out. 2018.

SOUZA, L. P. DE; GUEDES, D. R. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década.** Estud. av., São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Aug. 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2018.